

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT03.022

UMA APROXIMAÇÃO ENTRE O CONCEITO DE PEDAGOGO EM PLATÃO E TEÓRICOS DO SÉCULO XIX

MARIA LENILDA CAETANO FRANÇA

Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Professora Adjunto da Universidade Federal de Alagoas. Endereço para correspondência: Avenida Beira Rio S/N. Centro, Penedo-Alagoas-Brasil CEP: 57200-000. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8205-3795> Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/1842259102357566>. E-mail: maria.franca@penedo.ufal.br.

RESUMO

O nascimento do *Paidagogo* ocorreu na Grécia antiga, cujo significado *paidós* “criança” e *agodé* “condução”, condutor de criança, um humilde escravo que ganha relevo no processo filosófico-pedagógico-educacional, por ser o responsável pela educação moral. Nesse diapasão, o propósito desse artigo foi analisar o conceito e as práticas constituintes do Pedagogo na teoria de Platão, buscando aproximações com as teorias do século XIX, verificando quem foi e qual o papel a ele atribuído pelos teóricos que fundamentam a educação. Desse modo, foram compulsadas obras de Platão, Comênio, Pestalozzi, Herbart, entre outros e de seus comentadores, caracterizando um processo descritivo sobre o ideário do pedagogo, delineando as transformações de suas atribuições na trajetória educacional. Nessa perspectiva, há um entendimento da importância do pensamento de Platão para os teóricos posteriores, bem como àqueles do século XIX, apogeu da modernidade, caracterizado por grandes revoluções, período em que as indústrias e as comunicações cresceram significativamente, influenciando o aumento da população urbana, que vai desembocar numa expansão da educação primária pública. É nesse século que teremos no campo educativo a influência de vários estudiosos que buscam inovar a educação, refletindo sobre as necessidades sociais e o tipo de sujeitos para atuar na sociedade. Os direcionamentos tomados nesse estudo permitiram ratificar a importância do pedagogo desde sua nascitura como “Condutor da criança”, ampliando sua função ao longo dos séculos até assumir o protagonismo no campo educacional.

Palavras-chave: História das ideias pedagógicas. Pedagogo. Platão. Pensamento educacional moderno.

INTRODUÇÃO

Esse estudo propicia o encontro entre autores que fundamentam a educação e a filosofia, os quais são por vezes esquecidos nos programas de disciplinas de cursos superiores e de pós-graduação. O campo científico tem a incumbência de não deixar apagar as contribuições herdadas de outros tempos históricos. Não se trata de homenagear a história e os historiadores, mas dardejardar na confiança de ser necessária uma nova contemplação para descortinar o não avistado. É exatamente em Marrou (1990, p. 03) a confirmação do conhecimento histórico como aspecto singular do homem “[...] é essencialmente movedição e sempre provisório”. O autor considera as “[...] nossas ideias a respeito do homem, do mundo e da vida não cessam de transformar-se: não há assunto histórico que não seja necessário retomar periodicamente para reenquadrá-lo” (Marrou, 1990, p. 03).

No mundo grego, a teoria de Platão nos ensina que alcançar a verdade e a justiça só é possível através de uma educação que desenvolva as capacidades do homem. Para Platão, “a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que introduzem a ciência numa alma em que ela não existe, como se introduzisse a vista em olhos cegos” (Platão, 2005, 518c, p.320). Desse modo, Platão prossegue sublinhando que a educação deve dar meios para o olhar “a educação seria [...] a arte desse desejo, a maneira mais fácil e eficaz de fazer dar a volta a esse órgão [...] uma vez que ele não está na posição correta e não olha para onde deve, dar-lhe os meios para isso” (Platão, 2005, 518d, p.321), e outras qualidades da alma podem se aproximar das do corpo, o que pode acontecer pelo hábito e pela prática, mas a faculdade do pensar, segundo Platão, apresenta um caráter divino.

Há razão para rastrear na história e nos pensadores da educação respostas a perguntas produzidas, de reescrever a história sempre passível de distintas perspectivas. Nesse âmbito, o percurso é árduo, retomando-se escritos relativos aos séculos VI a IV antes da era cristã, todavia mostra-se fecundo para apresentar o Pedagogo em Platão, bem como se encaminhar para o século XVI-XVII depois de Cristo, tendo em vista a contribuição dada por Comênio e posteriormente desembarcar no século XIX, para então buscarmos aproximações entre tais teorias.

É esse o direcionamento do estudo, enlaçar a filosofia e a pedagogia, retomando o pensamento de Platão e de teóricos importantes para o pensamento pedagógico. Nesse percurso, o objetivo desse estudo é uma hermenêutica sobre o

pedagogo, verificando quem foi, o que fez e qual o papel a ele atribuído por Platão e pelos educadores que fundamentaram a educação entre os séculos XVI e XIX.

METODOLOGIA

A base metodológica está voltada para o estudo bibliográfico delineado por leitura, explicação e comentários das obras compulsadas. O trabalho em tela é considerado uma pesquisa teórica, a qual se dedica a (re)construir teorias, conceitos, ideias, tendo em vista o aprimoramento dos fundamentos teóricos, não se comprometendo intervir na realidade, porém criando condições para tal intervenção. Tal pesquisa é feita a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados e publicados por meios físicos e digitais, como livros, teses e artigos científicos, cujo procedimento integram as “[...] pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (Fonseca, 2002, p. 32).

De acordo com Folscheid e Wunenburger (2006, p. XI), ao utilizar a pesquisa bibliográfica “[...] podemos esperar reconstituir escrupulosamente o trabalho do pensamento de outrem, evitando os estereótipos escolares que simplificam as obras, contornando o obstáculo das palavras e a aparência enganosa das fórmulas prontas”. Mais adiante, os autores complementam “[...] ao mesmo tempo que situamos as filosofias em itinerários, contextos, sistemas coerentes, que as liberam de todo peso histórico e as elevam a categoria de pensamento vivo e atual” (Folscheid e Wunenburger, 2006, p. XI).

A obra teórica é conferida por Cossutta (2001, p. 06) como “[...] um todo que se engendra e se desfaz, aberta ao mundo e ao sentido, mas igualmente redobrada sobre o universo que ela gera. É um conjunto móvel, animado por um movimento interno, que desenrola um feixe de virtualidades discursivas segundo regras e modalidades”. Tais preocupações são referendadas por Folscheid e Wunenburger (2006) ao sublinhar que os textos de filosofia antiga trazem dificuldades que devem ser observadas pelo pesquisador, nas seguintes especificidades: o problema da filosofia antiga; o problema das traduções; e, o problema do vocabulário. O presente objeto de investigação trata de teorias formuladas na antiguidade grega e cristã, tornando-se necessário que o tratamento dado aos textos compulsados siga esse

padrão metodológico, desde a seleção ao cuidado com as edições, traduções disponíveis e léxicos.

Nessa trilha de proposições, os autores citados assinalam os aspectos que devem ser cultivados por quem trabalha com textos antigos, sublinhando que ao pesquisador “[...] cumpre saber recolher nos textos antigos o que há de eternamente atual para o pensamento filosófico. Conforme os casos, tratar-se-á de problemas, de noções, de doutrinas, de dificuldades diversas” (Folscheid e Wunenburger, 2006, p. 96).

Outra atitude adequada refere-se a “[...] saber reconhecer nos mesmos textos o que pertence a um universo tornado estranho por diversas razões, a principal sendo a ruptura provocada pela revolução judaico-cristã” (Folscheid e Wunenburger, 2006, p. 97). Desse modo, o reconhecimento dos textos como instrumentos a serem utilizados para extração de dados pertinentes na constituição de um corpus que aclare a figura do pedagogo desde Platão até os filósofos modernos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Abbagnanno e Visalberghi (1957, p. 21) sublinham uma estreita relação entre a filosofia e a pedagogia, anotando que toda “filosofia vital é sempre, necessariamente e intimamente, uma filosofia da educação”. O mundo grego, berço da filosofia e marco criativo da função do pedagogo, conservou um formato filosófico de educação pensado por Platão, que construiu um projeto filosófico-político-pedagógico de reformulação da cidade, a partir da formação dos jovens. Sua pedagogia defendia a cidade como lugar por excelência do exercício da justiça e do viver de modo bom, belo e feliz.

Na Grécia antiga, os pedagogos eram escravizados encarregados de educar as crianças dos sete aos dezoito anos, dentro dos preceitos da cultura da *polis*. Abbagnanno e Visalberghi (1957, p. 56) descrevem que sua missão era “acompanhar os rapazes às palestras ou *didascálias*, onde se ministrava o ensino coletivo, vigiar o comportamento deles ou tratar do seu vestuário”. O autor clarifica que o pedagogo colaborava precipuamente na formação moral e parcamente na intelectual. Nesse passo, Menezes (2015, p. 75) contribui assinalando que “[...] também supervisionava igualmente a criança ao lhe ensinar os bons modos, forjar seu caráter e resguardar a moral”.

Somente o gênero humano educa. O pensamento de Platão confirma tal assertiva ao tratar a questão da educação como uma parte integral e vital da sociedade. Em *As Leis*, Platão (1977, 766a) adverte que “o homem pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se o eduque corretamente”. Desse prisma, inicia-se o estudo do pedagogo, numa pedagogia apresentada como “[...] necessária iluminação dos problemas presentes, mediante o estudo das suas origens e das soluções tentadas no decorrer dos séculos” (Abbagnano e Visalberghi, 1957, p.22).

Dentro desse mundo grego, Aristocles (428-347 a.C.) conhecido como Platão, o mais importante discípulo de Sócrates (470-399 a.C.), acompanhava-o na sua missão de parteiro de ideias, observando o seu mestre realizar o trabalho de “ajudar as pessoas a se libertarem de opiniões sem fundamento e a reconhecerem que pensavam que pensavam quando na verdade não sabiam dizer claramente o que estariam pensando” (Pesanha, 1986, p. 44-45).

O verdadeiro labor científico retira esse pensamento de achar que pensamos corretamente, partindo de uma maiêutica em que o mestre vai interrogando seu discípulo, levando-o a conseguir encontrar em si mesmo as razões, as explicações e as verdades. Assim é inaugurada a filosofia em nossa cultura. Os filósofos gregos acreditavam que é preciso encontrar a explicação da realidade do mundo nele mesmo e não na religião ou na mitologia. Questionavam, assim, a validade da elucubração mítica e propunham um novo modo de pensar, apresentando a primeira obrigação imposta pelo exercício do conhecimento, que é o compromisso com a verdade, tal qual se revela ao homem que aplica a razão na sua descoberta.

O pensamento pedagógico de Platão é evidenciado na concepção, organização e sistematização da sua Academia. Esta se configurou como verdadeira instituição educacional onde se realizavam estudos superiores de caráter filosófico e político. Nela, Platão assinala a coerência da criação da função de “comissário de educação, encarregado de inspecioná-la e dirigi-la e a criação de professores especiais” (Luzuriaga, 1975, p. 47). Assim, havia professores notáveis como Espêusito, Teeteto e Aristóteles. Este último passou vinte anos entregue ao estudo na Academia, o que permitiu conhecer o seu mestre e narrar suas ações e preocupações com a educação (Paviani, 2003). Lá, a preocupação pedagógica de Platão foi educar o homem como parte de uma comunidade “[...] o homem não é chamado a viver, mas a conviver” (Teixeira, 1999, p.110).

Há uma distância razoável entre a função do pedagogo e dos mestres que ensinavam as primeiras letras. Na vida escolar antiga, o mestre é o responsável pela

instrução e não pela educação do aluno “[...] o essencial da educação é a formação moral, a do caráter, do estilo de vida. O ‘mestre’ está encarregado apenas de ensinar a ler, o que é muito menos importante” (Marrou, 1973, p. 232).

Assim, ofício de mestre permanece, segundo o autor, humilde, desprezado e desacreditado durante toda a Antiguidade. Em relação ao pedagogo, sua missão era a educação moral “[...] através do contato cotidiano, pelo exemplo se possível, em todo caso através dos preceitos e de uma vigilância atenta, contribui para a educação, e sobretudo, para a educação moral, incomparavelmente superior às aulas puramente técnicas do gramatista” (Marrou, 1973, p.232). Tais concepções são respaldadas por Brandão ao sublinhar as diferenças de saber de classe dos educandos na Grécia antiga, de um lado, “desprezíveis mestres-escola e artesãos-professores; de outro, escravos pedagogos e educadores nobres, ou de nobres. De um lado, a prática de instruir para o trabalho; de outro, a de educar para a vida e o poder que determina a vida social” (Brandão, 1995, p. 19). Para o autor:

De todos estes adultos transmissores de saber vale a pena falar do pedagogo. Pequenas estatuetas de terracota guardam a memória dele. Artistas gregos representaram esses velhos escravos – quase sempre cativos estrangeiros – conduzindo crianças a caminho da escola de primeiras letras. E por que eles e não os mestres que nas escolas ensinavam? Porque os escravos pedagogos – condutores de crianças – eram afinal seus educadores, muito mais do que os mestres-escola. Eles conviviam com a criança e o adolescente e, mais do que os pais, faziam a educação dos preceitos e das crenças da cultura da polis. O pedagogo era o educador por cujas mãos a criança grega atravessava os anos a caminho da escola, por caminhos da vida (Brandão, 1995, p. 19).

O autor confere que para compreensão do que é educação, é essencial verificar as concepções dos legisladores, pedagogos, professores, estudantes e outros sujeitos com maior profundidade teórica como os filósofos e cientistas sociais. No entanto, Brandão aclara a importância da figura do pedagogo escravo numa educação moral que prepara para vida.

Manacorda (2004, p. 06) reflete sobre a história da educação da antiguidade aos nossos dias e assevera que “[...] vários aspectos da educação comportam um relacionamento permanente com os temas mais gerais da história da humanidade”. Para o autor, a educação se relaciona com os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais do seu meio, sendo que essa relação provoca alterações educacionais

com as mudanças que vão ocorrendo ao longo do tempo na sociedade. Nessa trilha de proposições Cambi (1999) apresenta os aspectos que colocam a cultura grega no *acme*¹ da cultura pedagógica antiga, evidenciando-a como inspiradora dentro do ocidente romano, depois cristão e medieval até o período moderno. Para o autor, não é por acaso que no campo educativo a “idade nova” “[...] se realize pela reconquista e assimilação da tradição dos clássicos antigos, sobretudo gregos, a começar por Platão” (Cambi, 1999, p. 102). Nesse passo, Ghiraldelli Jr. (2007, p. 12) contribui quando sublinha que “[...] ao notarmos a origem da palavra pedagogia, o que importa é ver que ela guarda, ainda hoje, algo do significado utilizado no mundo grego antigo”.

Há um entendimento da importância platônica para os teóricos posteriores, bem como àqueles do século XIX, apogeu da modernidade, caracterizado por grandes revoluções, período em que as indústrias e as comunicações cresceram significativamente, influenciando o aumento da população urbana, que vai desembocar numa expansão da educação primária pública. É nesse século que teremos no campo educativo a influência de vários estudiosos que buscam inovar a educação, refletindo sobre as necessidades sociais e o tipo de sujeitos para atuar na sociedade.

Jan Amos Comênio, estudioso do século XVI-XVII, contribui através de sua *Didática Magna* com a educação de um modo geral, afirmando que todos deveriam aprender tudo. Para o autor, o fim último da educação é a formação moral, na qual se deve cumprir atos virtuosos para tornar-se virtuoso. Piaget (2010) arremata que a universalização é uma das características fundamentais do pensamento de Comênio.

Didática magna é uma obra que, de acordo com o espírito comeniano, pretendia modificar não apenas as escolas pelos novos processos de ensino e de aprendizagem, mas tornar-se também um meio de salvação dos indivíduos pelo conhecimento dos graus de preparação para a eternidade, isto é, **conhecer-se a si mesmo, governar-se dirigir-se para Deus** (Piaget, 2010, p. 41, grifo nosso).

Os grifos nos permitem alinhar tal pensamento comeniano ao platônico quando define na República as ideias de Bem, Belo e Justo. O modelo de educação

1 Palavra grega, cujo significado é ápice, ponto mais alto. Na Mitologia grega, a Deusa Acmé é uma das Horas, filha de Zeus e de Têmis, guardiã da ordem natural, a Deusa do Apogeu; Ver no Livro da Mitologia, 2018.

proposto por Platão, com seus crivos de conduta pedagógica, objetivava formar homens com firme disposição para a prática do bem, dentro da *polis*, onde todas as pessoas, independentemente de sua aptidão, necessitam umas das outras, realizando cada uma a tarefa que lhe compete, o que levaria à cidade justa. Teixeira (1999, p.55) em relação a educação questiona “[...] por que e para que educar os homens?

A educação é essa possibilidade de o homem transcender a sua própria natureza, carregada de medos, fugas e receios, complexos malditos e amaldiçoados”. Assim, a construção do modelo da cidade justa para o homem justo implica ter presente a ideia de perfeição, a busca pelo crescimento moral dos homens, que quando atingem o bem se tornam justos. Dessa premissa, o pedagogo apresentava um papel inicialmente modesto, servil e de pouco prestígio em relação à proteção que dispensava a criança, mas tinha como relevante a educação moral, considerada fundamental para os gregos, a qual, alcançada em sua plenitude contribuiria com os anseios platônicos de alcançar a cidade justa (Marrou, 1973).

Em Comênio (2006), temos expressões como “preceptor”, “professor” e “mestre”. O autor não direciona o ensino à responsabilidade individual de um determinado sujeito, mas à escola pelos processos de ensinar, “[...] **o preceptor** também erra se inicia, com o aluno, ora uma coisa, ora outra, sem nunca se aprofundar em nada com seriedade” (Piaget, 2010, p. 77). Mais adiante o autor apresenta “[...] **os professores** devem evitar esconder seja lá o que for dos alunos, tanto voluntariamente, como fazem os invejosos ou desleais, quanto por negligência, como os que fazem tudo com superficialidade. Ao contrário, convém ter honestidade e empenho” (Piaget, 2010, p. 85). Posteriormente, o autor declara “[...] a tinta é a voz **do mestre**, quando, a partir dos livros, ele transmite o sentido das coisas para as mentes dos alunos” (Piaget, 2010, p. 95).

Em verdade, o interesse de Comênio (2010) se deteve aos processos de ensino e aprendizagem, não olvidando a prática de valores a exemplo do respeito e justiça como virtudes e religiosidade, as quais se vinculam ao dom do intelecto, da vontade e da memória a serem alcançadas através da educação, cujo mister é fazer o homem.

O século XIX de acordo com Cambi (1999) é o século da Pedagogia. Para o autor, tal século foi marcado pelo triunfo e o medo da burguesia, do temor pela evocação do socialismo-comunismo, caracterizado “[...] por uma frontal oposição/luta de classes, que investiu as ideologias, as políticas e própria cultura, além da

economia e da vida social” (Cambi, 1999, p. 407). Nesse bojo, a pedagogia e a educação se encontram envolvidas no panorama de agitação cultural, difusão da indústria e renovação econômica e social, e renovam suas correntes educativo-pedagógicas. Dentro desse contexto os ideais de educação para liberdade vão sendo defendidos e nomes como Pestalozzi, Froebel e Herbart se tornam importantes no campo educacional.

De acordo com Soëtard (2010), Pestalozzi viveu entre crianças pobres e deserdadas com intuito de propiciar a felicidade através de uma educação para liberdade e autonomia, “[...] acreditava na inocência e na bondade da natureza humana. Apesar de seus empreendimentos mal aventurados em educação, tornou-se célebre por suas ideias pedagógicas e seu entusiasmo” (Soëtard, 2010, p. 31).

Heiland (2010, p. 15-16) atrela ao objetivo pedagógico de Pestalozzi “[...] melhorar as condições de vida das “classes inferiores” estimulando pela educação as “forças” (ou elementos), a “natureza” de cada criança e, em particular, das mais carentes. Para colocar seus ideais em prática, Pestalozzi usa seu método de aprendizagem partindo dos sentidos, do concreto até alcançar a representação abstrata.

Em Pestalozzi, o professor e os pais são educadores, os quais ocupam uma posição importante no ponto do encontro entre o desejo sensível e a razão social na criança. Como Platão, Pestalozzi *apud* Soëtard (2010, p. 25) credita ao pedagogo uma responsabilidade moral, “[...] têm o poder de estimular o desenvolvimento da força autônoma ou de impedi-lo talvez para toda a vida”.

Para que esta responsabilidade possa ser exercida será essencial que o pedagogo, quaisquer que sejam a matéria e a época de sua ação, seja qual for a matéria didática de que se ocupe, saiba manter o equilíbrio entre os três componentes do método. Isto significa que dentro da instituição escolar não basta distribuir harmoniosamente as diferentes disciplinas entre o polo intelectual, o polo sensível (artístico) e o polo técnico; cada docente deverá se esforçar em aplicar, em cada uma das etapas pedagógicas, os três elementos em torno dos quais se articula o desenvolvimento da força autônoma: o professor de educação física prestará atenção ao domínio intelectual dos exercícios ao mesmo tempo que a sua repercussão sensível na criança, enquanto que o professor de matemática tratará de não perder de vista a relação de sua matéria com a existência concreta das crianças e de sua aplicação autônoma em um momento do processo pedagógico... Pestalozzi não para de repetir que se trata de um equilíbrio que nunca se adquire definitivamente e que pode ser quebrado em qualquer momento para alimentar uma das três “bestialidades” da cabeça, do coração e da mão. (Soëtard, 2010, p. 25-26).

Segundo Soëtard (2010) o sistema educativo pensado por Pestalozzi busca uma organização a qual propicie que a ação do pedagogo seja exercida em um clima de liberdade autônoma e responsável. Nesse caminho, no pensamento de Pestalozzi encontramos bases platônicas ao arrematar que “[...] cada uma das engrenagens institucionais deverá permanecer a serviço do projeto que singulariza a ação pedagógica na relação com o resto das ações humanas, um projeto cujo **objetivo principal é a humanidade** que se está constituindo com caráter autônomo (Soëtard, 2010, p. 26). Ainda de acordo com o autor, Pestalozzi deixa ao pedagogo “[...] a missão de viver e acentuar a contradição que desenvolveu amplamente no *Canto do cisne*². Sem dúvida haveríamos preferido que ao chegar ao fim de sua reflexão, nos houvesse deixado uma verdadeira “teoria praticável de sua prática” que cada professor pudesse utilizar” (Soëtard, 2010, p. 30).

Chegamos à conclusão de que o autor do Canto do cisne conseguiu, sem dúvida alguma, resolver um dos problemas fundamentais da pedagogia: a mão do pedagogo somente poderá cumprir seu trabalho na medida em que se mantenha a distância – a distância da mão e a distância um do outro – o polo da inteligência universalizadora e o polo da sensibilidade particularizadora. A este preço a liberdade autônoma poderá constituir-se realmente nas crianças e não se evaporará na impotência da teoria

- 2 A expressão o Canto do Cisne é uma metáfora que se refere geralmente à última tentativa de fazer algo grandioso por parte de uma pessoa antes de sua morte. A expressão é utilizada para exprimir as grandes obras finais dos artistas, ou também alguma tentativa final de manter a grandiosidade em alguma carreira, ou em qualquer outra esfera social. A expressão tem origem na crença de que o cisne branco (*cygnus olor*) vivia toda sua vida a gorjear sem muita beleza ou mesmo sem emitir sons, realizando essa ação apenas antes de morrer. Nesse momento derradeiro, um belo canto ecoava do cisne antes de sua morte. Por isso, refere-se à obra de final de um grande artista, que teria acumulado inspiração durante sua vida para no final conceber uma bela obra de arte. Uma possível primeira menção a essa expressão teria sido feita por Sócrates, antes de se suicidar com a ingestão de cicuta, em 399 a. C. Platão, no diálogo Fédon, apresenta uma última frase de Sócrates, na qual o grande filósofo grego havia feito referência aos cisnes: “Quando sentem a hora da morte se aproximar, essas aves, que durante a vida já cantavam, exibem então o canto mais esplêndido, mais belo; eles estão felizes de ir ao encontro do deus do qual são os servidores. (...) Eu, pessoalmente não acredito que eles cantem de tristeza; acredito, ao contrário, que, sendo as aves de Apolo, os cisnes possuem um dom divinatório e, como presentem as alegrias que gozariam no Hades, cantam, nesse dia, mais alegremente do que nunca.” Durante muito tempo, acreditava-se ser verdade essa ação do cisne branco. Vários foram os poetas ou mesmo músicos que se referiram a ela. Porém, os cientistas desmentiram a história. Os cisnes brancos não são mudos, pois grunhem e assoviam durante toda sua vida. Também não realizam nenhum canto ao morrer. Essa situação mostra como as expressões quando criam raízes culturais são difíceis de serem utilizadas, valendo mais seus sentidos metafóricos, que sua verdade científica. (Pinto, 2022).

nem se fundirá em uma confusão de interesses. Esta vontade de distinguir é tão forte que Canto do cisne, que pretende apreender a essência da formação elementar, é um convite para que cada indivíduo assuma a responsabilidade de sua ação e não vacile em criar eventualmente outros meios e outras técnicas, uma vez que o faz “com verdade e amor”, isto é, impulsionado pela vontade de que em torno dele se criem outras forças autônomas (Soëtard, 2010, p. 29).

Comungando com tais perspectivas, Fröbel contribui com o entendimento no qual a finalidade da educação é encorajar e guiar o homem, para que ele seja consciente, pensante e perceptivo “[...] para que se torne, por sua própria escolha, uma representação pura e perfeita dessa lei interior divina; a educação deve mostrar-lhe os caminhos e os meios de atingir esse objetivo” (Fröbel, 2001, p. 12). Fröbel defende uma pedagogia lúdica através do uso de materiais e objetos naturais cujas estruturas e leis se revelam pouco a pouco. A pedagogia froebeliana “associava o aspecto sociopedagógico do acolhimento e a educação elementar pelo jogo, preparando assim a criança para a etapa posterior da escolarização sem lhe impor esforços intelectuais excessivos” (Heiland, 2010, p. 38). O programa de estudos da pedagogia de Fröbel não deixa de ser tributário das teorias neo-humanistas: “seu ideal de educador é formar seres humanos, e não fabricar cidadãos ‘úteis’” (Heiland, 2010, p. 38).

Nessa trilha de proposições, Pestalozzi configura ao pedagogo um dever moral, este sendo mais importante que o intelectual, visto que a liberdade autônoma do indivíduo era o ideal a ser perseguido. O dever moral atribuído ao pedagogo nos remete a atribuição já tida há quatro séculos a.C. A função do pedagogo era exercida com ascendência moral, numa situação privilegiada, mesmo sendo escravo, tratando-se de alguém em quem se devotava confiança, podendo conviver dentro da família. Em Oliveira (1995, p. 74), define-se que antes do aparecimento das escolas gregas o pedagogo tinha a função também de professor. Com o advento das escolas os mestres tomaram essa incumbência, considerada de menor importância, sendo que ao pedagogo era legado posto mais valoroso de educar, tomar conta e reger.

Para Herbart, não há melhor momento para o pedagogo do que o encontro frequente com naturezas nobres que lhe apresentam aberta e francamente a plenitude da receptividade dos jovens. Nesse passo, Herbart assevera que “[...] deste modo se manterá aberto o seu espírito e inalteráveis os seus anseios, convencendo-se possuir na ideia da formação humana o modelo autêntico para a sua obra” (Hilgenheger,

2010, p.137). Nesse passo é importante as contribuições de Montessori citadas por Röhrs (2010):

[...] creio que devemos preparar no educador mais o espírito que o mecanismo do cientista, o que vale dizer que a direção dessa preparação deve estar voltada para o espírito. Jamais pretendemos, evidentemente, transformar o educador elementar num assistente de antropologia ou de psicologia científica, nem, tampouco, num higienista. Desejamos, porém, dirigi-lo no caminho da ciência experimental, ensinando-o a manejar um pouco cada um dos seus instrumentos, limitando esse aprendizado ao objetivo em vista e orientando-o na via do espírito científico. Devemos despertar na consciência do educador o interesse pelas manifestações dos fenômenos naturais em geral, levando-o a amar a natureza e a sentir a ansiosa expectativa de todo aquele que aguarda o resultado de uma experiência que preparou com cuidado e carinho (RÖHRS, 2010, p. 84-85).

Nessa perspectiva, vê-se a importância do espírito do pedagogo no ensino dos valores e virtudes para além do ensino de conceitos e fórmulas prontas. Herbart acrescenta que o excesso de mimos no aspecto moral tal como em qualquer outro, é a pior maneira de proteger o homem contra os malefícios do clima, “um cuidado pedagógico moderado é capaz de levar o educando a seguir por si o caminho da sua formação, observando e ajuizando toda atuação de naturezas rudes”. (Hilgenheger, 2010, p. 73). O autor indica posturas tomadas pelo pedagogo nesse paradigma educativo:

O aplauso merecido, dado em silêncio, mas em abundância e de pleno coração é a mola no qual se tem de apoiar a força de uma repreensão igualmente suficiente, eloquente, cuidadosamente medida e expressa pelas mais diversas formas – e durante o tempo necessário, até que o educando dê sinais de estar repleto de ambos e se oriente ele próprio e seguir por ambos, pois que chega à altura – mais tarde ou mais cedo em que o educador falaria em vão, se quisessem ainda dizer aquilo que o educando diz de forma igualmente exata a si próprio. (Hilgenheger, 2010, p. 75).

Essas observações postas por Herbart são coerentes com a figura do pedagogo retratado desde a antiguidade clássica, ao deliberar a educação moral como superior a intelectual. Assim, vê-se a postura do pedagogo sendo reafirmada ao longo dos séculos, embora se veja também outras atribuições sendo incorporadas,

mas a essência de ser o guia, o que ilumina para andar pelo caminho mais reto, educando moralmente, numa perspectiva humanista, perseveram nos dias atuais.

Dito isso, a pedagogia e a educação estão entrelaçadas na agitação cultural do século XIX, o que se considera como produto das mudanças ocorridas nas sociedades. Essas mudanças não alteraram o sentido de ser pedagogo, ao contrário, a esse personagem foram atribuídas outras responsabilidades, sendo encarregado do desenvolvimento integral das crianças e jovens, acarretando na renovação das correntes educativas e pedagógicas. Não restam dúvidas que o pedagogo desde os tempos platônicos é reconhecido como importante personagem na história da educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razões conclusivas, é de si revelar de forma ululante que os ensinamentos de Platão chegam à posterioridade, nos permitindo embarçar a mente, fazer indagações, dizer não ao senso comum, assumir verdadeira postura de filósofo, participando do Bem e da Beleza, buscando a essência não se contentando com a aparência.

Há de se compreender a significação do mundo, da história, bem como, buscar os meios para ser consciente de si e das próprias ações, numa prática de desejar a liberdade e a felicidade a todos. Está no método o esteio que leva à necessidade de organizar a educação. Mas em Platão sentido metodológico não encontra uma linha retilínea, quer seja por fatores históricos ou por sobreposições de necessidades imanentes. O pedagogo não aparece como um percurso delineado: surge da necessidade de haver algo ou alguém que conduza a aproximação ao comportamento correto, ao ensino e ao aprender curiais ao seu tempo.

A educação é o plano principal, como prospectivo de um fim coletivo. Um dos meios, senão o inicialmente principal, sendo a figura do escravizado ou alguém elevado à categoria do condutor dos pequenos à superação da fase que vai até uma maior idade para uma vida de vigor físico e de entrelaçamento social participativo, de forma independente. Esse condutor é o pedagogo, cuja gênese foi reiterada de diversas formas até os tempos modernos.

Em Platão o projeto de busca pela justiça, que torna verdadeiramente o bem comum era a finalidade. É mister trazer os postulados platônicos, observados no Livro X de A República (2005, 621c-d, p.496-497) para dizer que “a história se salvou

e não pereceu. E poderá salvar-nos, se lhe dermos crédito, e fazer-nos passar a salvo o rio Letes e não poluir a alma [...] praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria [...] depois de termos ganho os prêmios da justiça [...]” seremos felizes. Tal tônica era a permeada pelo pedagogo por Platão vaticinado e verificado por autores citados neste estudo.

O papel pedagogo configurado pelos filósofos modernos entra em consonância com a Paideia platônica, em que a pedagogia/educação está justamente em “conexão com a psicologia de Platão, a pedagogia ganhou importância especial na Antiguidade, pois se trata da formação e da conservação de uma alma sã como fundamento de um corpo político ordenado” (Schäfer, 2012, p. 109).

O condutor à educação em Platão, o pedagogo, continua nos pedagogos hodiernos. A categoria de meio condutor à educação, com estatura de imprescindibilidade, é a maior concreção daquilo que era mero fazer e passou a ser mundialmente necessitado como profissão, sem a qual a educação não se realiza. Vem de Platão o sílex pedagógico, ou, pelo menos, a verificação de sua existência na antiguidade, anunciando sua importância para a educação humana como até hoje se verifica.

Do pedagogo platônico passa-se ao exercício milenar da função. Avaliamos a importância da pedagogia desde a antiguidade aos nossos dias, compreendendo as mudanças ocorridas no pedagogo, porém seguindo com a mesma especificidade daquele escravo, o qual de acordo com Ghiraldelli Junior (2007, p. 11) era um “[...] guia para criança é que ele tinha como função colocá-lo no caminho da escola e, metaforicamente, na direção do saber”. Nesse passo, Montessori (1870-1952), estabelece que o trabalho do pedagogo, chamado de mestre, é também guiar. Para a autora, a mestra guia ensinando as crianças manusearem os materiais, a realizar trabalhos, a não desperdiçarem, “[...] verdadeiro guia no caminho da vida, ela não instiga nem estanca; satisfaz-se com sua tarefa ao indicar a esse valioso peregrino, que é a criança, o caminho certo e seguro (Röhrs, 2010, p. 88).

Ainda de acordo com Ghiraldelli Junior (2007), o pedagogo hoje ocupa uma função intelectual, embora continue como responsável a encaminhar a criança ou jovem ao saber “[...] o pedagogo não é mais quem serve de pajem da criança nem é o motorista que leva a criança à escola. Ele é o que lida com os meios intelectuais e técnicos que possibilitam o ensino e a aprendizagem de modo ótimo” (Ghiraldelli Junior, 2007, p. 12). Nesse diapasão, Fröbel (2001) diz ser essa a função do pedagogo, o qual se encaminha a levar os seus discípulos a conhecer a unidade do mundo, fazendo com que todos compreendam a íntima e espiritual essência de

todas as coisas. Tal pensamento se remete a Platão quando confere à educação o elevar-se para essência.

O pedagogo de agora ultrapassa o conduzir de crianças e tenros jovens. Vai avante: é necessário o pedagogo oriundo da observação platônica nas universidades, nas comunidades científicas, no estamento judiciário, de assistência social e em todos os meandros onde conduzir à educação e ao conhecimento sejam mister de alcance daquilo que Platão cunhou como o “justo e o belo”.

Os direcionamentos até aqui evidenciam a importância do pedagogo ao longo do processo histórico. Tendo o nascimento do *Paidagogo* na Grécia antiga, cujo significado *paidós* “criança” e *agodé* “condução”, condutor de criança, sendo um humilde escravo, ganha relevo no processo filosófico-pedagógico-educacional, por ser o responsável pela educação moral e assume com o passar dos séculos o protagonismo no processo educacional.

Em riste a essencialidade de Platão e dos pedagogos da modernidade no que concerne aos ideais de educação. Estes conceitos foram fulcrais à educação da humanidade e não sucumbiram. Continuam a ser perseguidos, tendo em vista que o tempo da filosofia é lógico, o qual não permite suplantar as verdades construídas por aqueles que se dedicaram o nos deixar como herança os caminhos que nos levam a reflexão, a autorreflexão, para desse modo chegarmos o mais próximo possível das verdades. Estamos profundamente endividados com Platão e com os pedagogos modernos.

REFERÊNCIAS

Abbagnano, N; Visalberghi, A. História da Pedagogia. Volume 1. Lisboa/PT: Livros Horizonte, 1957.

Alexander, Bruno. O livro da Mitologia. (Tradução de Bruno Alexander). São Paulo: Globo, 2018.

Brandão. Carlos R. **O que é educação?** Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1995.

Comênio, Jan Amos. Didática Magna. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Froebel, F. A. **A Educação do homem**. Passo Fundo: UPF, 2001.

Heiland, Helmut. Friedrich Fröbel / Helmut Heiland; tradução: Ivanise Monfredini. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

Hilgenheger, Norbert. Johann Herbart / Norbert Hilgenheger; tradução e organização: José Eustáquio Romão. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

Marrou, Henri Irénée. **História da educação na Antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U. Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

Menezes, Edmilson Santos. História e propedêutica: o princípio da pedagogia divina e a interpretação cristã da história. In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe** – Dossiê Dom Luciano Duarte. Volume 1, Nº 45, Aracaju-SE, 2015.

Pessanha, José A. M. Platão e as ideias. In: Resende, A. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

Pinto, Tales. A história do mundo: a lenda do canto do cisne. (2022). Disponível em: <https://oficinadoestudante.com.br/tira-duvidas/5708/A-lenda-do-Canto-do-Cisne.html> Acesso em 20 de outubro de 2022.

Platão. **A República**. Introdução, Tradução e notas: Maria Helena da Rocha Pereira. 9ª Edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Platão. **As Leis e Epínomes**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Pará, Universidade Federal do Pará, 1977.

Röhrs, Hermann. Maria Montessori / Hermann Röhrs; tradução: Danilo Di Manno de Almeida, Maria Leila Alves. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

Schäfer, Christian. **Léxico de Platão**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Teixeira, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Ed. Paulus, 1999.